

O imaginário social na representação de sujeitos virtuais

Social imaginary on the representation of virtual subjects

Evanildes Lorencena *

Resumo

Refletimos neste estudo sobre sentidos produzidos nos perfis de internautas usuários da Comunidade Orkut a partir de noções cunhadas pela teoria da Análise do Discurso (AD). Inferimos, a partir das análises, que os sentidos produzidos pelas diversas formas de representação neste espaço são da ordem do imaginário, isto é, o sujeito lança perguntas – subjetivas – ao outro – imaginário – ou ao seu “outro eu” através da rede, numa atitude que reflete o seu caráter de dispersão e de incompletude e que, ao inserir-se no mundo virtual, o sujeito se deixa perpassar por características de uma FD – virtual – que, ao mesmo tempo em que o atravessa, o constitui enquanto sujeito.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Imaginário; Virtualidade.

Introdução

Ao entrar numa página do Orkut, na internet, percebe-se que há um processo de construção de identidades muito dinâmico entre

* Mestranda em Educação nas Ciências/UNIJUI.

sujeitos de diferentes grupos sociais e provenientes das mais diversas formações discursivas (FDs). Nas formas de representação dos sujeitos, nesse espaço virtual, é possível observar novas formas de linguagem, novos códigos, novos processos de produção de sentido e, conseqüentemente, de construção de identidades.

O mundo virtual constitui-se, dessa forma, como um novo espaço para a circulação de ideias e de relacionamentos. Trata-se de uma comunidade ou de uma “rede” utilizada pelos usuários da internet para deixar recado aos amigos, para fazer parte de comunidades, para namorar, bater papo, conhecer novos amigos, bisbilhotar a vida alheia, ou ainda jogar, já que a novidade deste espaço virtual são os jogos on-line, que funcionam como uma espécie de catarse da vida cotidiana.

Diante dessa nova realidade, a partir da Análise do Discurso e com fundação em Michel Pêcheux, será analisado neste artigo, como se representam no Orkut, os sujeitos historicamente constituídos e de que forma suas subjetividades são nele registradas. Além disso, de que forma essa materialidade discursiva é veículo na constituição desses sujeitos ditos virtuais, levando em conta as formações imaginárias de que fazem parte.

A Análise do Discurso (AD)

A teoria da Análise do Discurso, com fundação em Michel Pêcheux (1988), postula que o discurso é efeito de sentido entre locutores. A Teoria do Discurso aponta para a direção de produção de deslocamentos nos estudos linguísticos, insere o discurso junto ao par língua/fala, descentra o sujeito da enunciação e caracteriza o material do sentido. Tais deslocamentos permitem mostrar que os sujeitos, nas suas relações mundo/linguagem/sentido, não são transparentes e

devem ser pensados em seus processos histórico-sociais de produção. A língua, para a AD, é concebida como materialidade linguística que serve de base para a ocorrência do discurso. É ela que fornece pistas ou marcas que podem ou não serem evidentes para a compreensão do discurso e efeitos de sentido que este pode ter.

Conforme Orlandi (2007) a AD compreende a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social, e também concebe o discurso como a palavra em movimento e prática de linguagem. Para essa pesquisadora, a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. Com o estudo do discurso observa-se o homem falando, e, ainda:

A Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (ORLANDI, 2007, p.16).

Portanto, para a produção de sentidos, não basta que se leve em conta somente os referentes materiais do esquema, ou seja, Referente – Mensagem – Código, e sim o seu conjunto, que interage para produzir os efeitos de sentido entre os interlocutores. A AD, conforme Orlandi (2007), tem como base uma teoria não subjetiva da leitura. Esta teoria não-subjetiva representa uma relação específica e crítica da AD com a linguística. Esta relação inclui o sujeito, mas, ao mesmo tempo, o descentra, não o considerando fonte e responsável pelo sentido que produz, ainda que o considere parte do processo de produção. Da mesma forma, esta teoria considera que os sentidos não são transparentes, pois o discurso se coloca no lugar particular em que se articulam a linguagem e a ideologia.

É preciso estabelecer relações entre o sujeito e as práticas discursivas que o inscrevem numa FD e não em outra, ou ainda, em uma e outra, alternadas pelas circunstâncias em que se produzem os dizeres, pois não é no dizer, em si mesmo, que o sentido se determina,

nem tampouco nas intenções de quem diz. É necessário referi-lo às suas condições de produção, estabelecer as relações que ele mantém com sua memória discursiva e também remetê-lo a uma formação discursiva, e não outra, para que se possa compreender o processo discursivo e os sentidos que ele pode produzir. O sentido não está, portanto, nas palavras, mas aquém e além delas.

Formação discursiva e interdiscurso

A noção de Formação Discursiva (FD) é tributária de Michel Foucault, que a conceitua da seguinte forma:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (FOUCAULT, 2004, p.43).

Neste sentido, o sujeito que se inscreve num site de relacionamentos virtuais está se inscrevendo numa FD caracterizada por normas específicas que regulam estas relações. É a heterogeneidade do sujeito que permite que o mesmo faça parte de uma ou mais FDs, e a sua capacidade de alteridade - relação do “eu” com o “outro” e do “eu” com o outro “eu” - permite-lhe interagir de formas distintas em situações diferentes.

A formação discursiva, segundo Orlandi, é, ainda, o que determina o que pode e o que não pode ser dito. Considerando que o discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade do discurso, podemos dizer que, destas relações entre

ideologia e língua, resultam a constituição do sujeito e do sentido. Sujeito e sentido, dessa forma, constituem-se ao mesmo tempo. É dizendo-se que o sujeito se constitui (ORLANDI, 2006). Para que uma palavra tenha sentido, para esta teoria, é preciso que ela já faça sentido, efeito do já-dito, do interdiscurso, do Outro. A isso chamamos de historicidade em AD. Chamamos de sentido pré-construído a impressão do sentido “lá” que deriva deste já-dito, do interdiscurso e que faz com que, ao dizer, já haja um efeito de já-dito sustentando todo dizer.

Ao falar, o sujeito filia-se a redes de sentidos. Mas, como afirma Orlandi (2007), não aprende como fazê-lo, fica ao sabor da ideologia e do inconsciente. As escolhas são determinadas pelas relações que as pessoas têm com a língua e com a história, pelas experiências de mundo, através da ideologia. O próximo tópico tratará desse assunto.

Sujeito, ideologia, interpretação e sentido

Seguindo a ótica de Orlandi (2007) de que “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI, 2007, p. 46), será discutido neste tópico, como o sujeito é pensado pela Análise do Discurso.

Para pensar a ideologia, é necessário fazer algumas considerações acerca da interpretação. Essa pesquisadora defende o seguinte: “para que a língua faça sentido, é preciso que a história intervenha, pelo equívoco, pela opacidade, pela espessura material do significante” (ORLANDI, 2007, p. 47). A partir disso, a AD considera que a interpretação não é mero gesto de decodificação e de apreensão dos sentidos. Interpretar, portanto, não é atribuir sentido, mas expor-se

à opacidade do texto, ou seja, é explicitar como um objeto simbólico produz sentidos.

A ideologia, para essa vertente teórica, é interpretação de sentidos em certa direção, sendo que esta é determinada pela relação da linguagem com a história em seus mecanismos imaginários (ORLANDI, 1996). Nesse sentido, a ideologia não é ocultação de sentidos, mas estabelece relações necessárias entre a linguagem e o mundo. Nesse caso, são trabalhadas as formas em que os conteúdos se inscrevem e busca-se entender de que forma produzem-se sentidos, na materialidade da língua.

Para os estudos de Pêcheux (1988), o sujeito, quando diz “eu” (ego), o faz a partir de sua inscrição no simbólico e inserido em uma relação imaginária com a “realidade” do que lhe é dado a ser, agir, pensar. Essa relação estabelecida com a “realidade” é da ordem do imaginário, algo que se produz após a entrada do sujeito no simbólico e impede que o sujeito perceba ou reconheça sua constituição pelo Outro, ou seja, não percebe que se encontra convocado a se colocar no simbólico e partir do simbólico para dizer “eu” e para se referir a um mundo já simbolizado.

Além disso, segundo Orlandi (1988), o sujeito é múltiplo porque atravessa e é atravessado por vários discursos, porque não se relaciona mecanicamente com a ordem social da qual faz parte e representa vários papéis. A autora considera que essa dinâmica e a possibilidade de troca de papéis pode ser chamada de reversibilidade, isto é, a relação eu/tu é reversível, e é porque o “eu” pode ocupar o lugar do outro/do tu que o dizer se estabelece.

O que se pretende neste trabalho, em se falando em análise, é o que postula o fundador da teoria, Michel Pêcheux (1988), quando afirma que todo enunciado é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possível, oferecendo lugar à interpretação. Inicialmente, será feito uma descrição dos enunciados e, a partir disso, tentar compreender que sentidos podem ser atribuídos a eles, pois

sempre há mais de uma direção a ser seguida, quando se fala em sentidos. Esse lugar do outro enunciado possível é que dá lugar à interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos.

A materialidade que será analisada neste trabalho é a escrita de si, representativa dos sujeitos usuários do Orkut - um site de relacionamentos. Portanto, o direcionamento da atenção ao texto em AD, não é pensado como uma estrutura plena, nem tampouco uma chapa linear. Ele parte, portanto, em inúmeras direções, em múltiplos planos significantes. São os diferentes gestos de interpretação que irão definir a direção de sentido, levando-se em conta, é claro, a posição do sujeito, as formações discursivas em que ele está inserido e suas relações com a exterioridade.

Na rede virtual, ou em qualquer âmbito discursivo, as palavras adquirem sentido porque o sujeito enunciador se identifica com elas e passa a considerá-las suas, pois:

É assim que as palavras adquirem sentido, é assim que eles se significam, retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas, mas, ao mesmo tempo, sempre outras. (ORLANDI, 2007, p.36).

Por isso é possível dizer que a incompletude é a condição da linguagem. Os sujeitos, os sentidos e o discurso não estão prontos e acabados. Os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros, mas, nem sempre, o são, pois isso depende da forma com que são afetados pela língua e de como se inscrevem na história.

Imaginário social e as condições de produção

Em seu texto “Discurso, imaginário social e conhecimento”, Orlandi (1994) destaca que a AD propõe uma forma de pensar sujeito e sentido que se afasta tanto do idealismo subjetivista – sujeito individual – como do objetivismo abstrato – sujeito universal. Segundo ela, se o sujeito é descentrado, também as suas relações com o mundo são constituídas pela ideologia, que é vista como o imaginário que medeia as relações do sujeito com suas condições de existência.

A questão do imaginário é pensada pela AD como “a imagem que se fazem uns dos outros os participantes do diálogo.” (PÊCHEUX e FUCHS, 1975, p.82-83). A hipótese dos autores acima citados é a de que, nos processos discursivos, o que funciona é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que os sujeitos atribuem a si mesmos e ao “outro”, e a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro no discurso. Esses lugares são representados, portanto, nos processos discursivos em que são colocados em jogo.

Diante do exposto por Orlandi (1994), o dizer não é apenas do domínio do locutor, pois tem a ver com as condições em que se produz e com outros dizeres, isto é, com os lugares pelos quais ele passa. Assim, o discurso do internauta no Orkut é resultado de suas relações sociais, do contexto social em que vive e é, sim, regulado por uma forma - sujeito virtual que regula o que ele pode ou não dizer sobre si. Essa regulação faz parte de um conjunto de regras e normas que constituem uma formação discursiva própria do Orkut enquanto meio virtual.

É justamente a forma como este sujeito se constitui, ou seja, através do imaginário, que vai dar direção às nossas análises. A maneira com que ele se representa na rede virtual de relacionamentos

é que servirá de materialidade para tal entendimento. Existiria aí um processo de alteridade? Estes dizeres fazem parte de uma FD específica ou são várias, que convivem pacificamente num mesmo espaço discursivo? O sujeito pode dizer-se desta forma sem prejuízo de suas filiações ideológicas? Que papel assume o “outro” ou o “outro eu” no processo de caracterização do meu “eu”?

O Virtual e a AD

O Orkut é considerado uma comunidade virtual. Mas o que é o virtual? A noção teria sido trabalhada já por Aristóteles, na Antiguidade, e trazida para a contemporaneidade por autores como Pierre Lévy, que a conceitua da seguinte maneira:

A palavra virtual vem do latim *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. (LÉVY, 2003. p.17).

Sob a ótica desse autor, portanto, a virtualização é um processo de “desterritorialização”, isto é, o que antes tinha alguns limites geográficos e lógicos para existir, passa a fazer parte de todo lugar ou de lugar nenhum. No caso específico do objeto de análise desse trabalho, o que estão sendo “desterritorializadas” são as relações interpessoais, que passam a ter sentido(s) diferente(s) quando vividas no mundo virtual. E a própria relação eu/outro, que passa a ser mais da ordem do imaginário do que do próprio contato eu/tu efetivo, uma vez que essas relações se fundamentam em bases insólitas e, talvez, até irreais.

Ao falar de si mesmo, o sujeito procura dar sentido ao “eu” através das relações de alteridade com o outro, utilizando a materialidade do discurso, que é a língua, que é entendida como elemento constitutivo da subjetividade.

O conceito de alteridade, para a AD, é entendido como a dualidade do sujeito, como o EU que não se constitui como um ser empírico, pois tem relação com um exterior que o determina e com o inconsciente que o divide. Trata-se de um sujeito descentrado. Um mesmo sujeito é, efetivamente, outro. Conforme postula Orlandi (1988), ao falar de si, o sujeito assume vários papéis no discurso, e, por isso, ele é estranho a ele mesmo. De certa forma, falar/dizer é ser-se estranho, é dividir-se, uma vez que os processos discursivos não têm origem no sujeito, embora se realizem, necessariamente, nesse sujeito. Vejamos como isso acontece na análise de três perfis do Orkut, escolhidos entre 100 analisados e considerados como representativos de três categorias diferentes, conforme tabela abaixo.

Tabela de Perfis por Blocos Discursivos:

Bloco Discursivo 01	Bloco Discursivo 02	Bloco Discursivo 03
Caracteriza-se por perfis de internautas que se representam por características pessoais	Caracteriza-se por perfis que se representam através de letras de músicas e de poesias	Caracteriza-se por perfis de internautas que se representam através de provérbios, ditos populares, e frases de pensadores
Número de perfis selecionados: 48	Número de perfis selecionados: 30	Número de perfis selecionados: 22

Tabela 1

Perfil 01 – Bloco discursivo 01

Quem sou eu:

Sou um Cara legal, pelo menos e o q eu axo neh, ate hoje nunca soube ou me disseram d alguem q não fosse com a minha cara. Mas ninguem e perfeito.... Soh mto brincalhão o pessoal q me conhece sabe to sempre agitando heheh.... Gosto de ser sincero nao acho legal ta fazendo rodeios pra falar as coisas, o q tiver q falar eu falo, e gosto q os outros sejam assim comigo... Soh amigo pra qulquer hora, e bacana ta sempre fazendo novas amizades... Bueno issu e um pouco do q eu soh meio xucrao.....

Observando o perfil 01, em que este sujeito enuncia a partir de um lugar social específico que ele ocupa e é fortemente marcado pela linguagem fragmentada e totalmente fora dos padrões linguísticos. A linguagem desse internauta é própria do meio digital, muito utilizada no MSN Messenger - programa de mensagens instantâneas - ou nas mensagens de telefone celular, caracterizada como uma linguagem cifrada e abreviada. Nela, não existe pontuação, acentuação ou concordância verbal, além de se caracterizar por expressões que fazem parte do âmbito da oralidade.

Ao utilizar a expressão “Sou um Cara...” percebe-se que o mesmo está “falando” de um lugar social que ocupa para um grupo com o qual ele se identifica e acredita que quem vai visitar seu perfil entenderá sua linguagem. No entanto, percebe-se que existe, nesse gesto, uma questão individualista bastante marcada, que é: eu sou assim, falo assim, só quem me conhece ou vive no meu grupo social é que me interessa, o resto do mundo não me diz respeito. Quando esse sujeito enuncia, nota-se que ele o faz na ilusão de ser “dono de si”, esquecendo-se de que é atravessado pela ideologia e pelo inconsciente.

Já a utilização da letra maiúscula em “Cara”, palavra com que se designa e remete aos estudos da linguagem padrão, em que os nomes próprios devem vir sempre em letra maiúscula, é na verdade um jogo de forças. De um lado, estaria o “atual” ou o “que está na moda” em

termos de linguagem e, de outro, aquilo que o sujeito aprendeu na escola. Por outro lado, pode-se dizer que essa forma de expressão é característica do homem forte e machão, que se considera fruto da terra e, por isso, não pode utilizar palavras delicadas. Ao se caracterizar dessa forma, o efeito de sentido que produz é o de que esse sujeito, no seu imaginário, se considera forte e auto-suficiente, que defende seus ideais. De qualquer forma, ao enunciar dessa maneira, esse sujeito oscila entre dois lugares sociais, o que significa alternar entre duas FDs. Inscreve-se nessa nova FD, que é virtual, mas enuncia marcado pelo seu lugar social de origem. Isso nos leva a pensar sobre o que nos ensina Lévy, no sentido de que o virtual pode vir a ser ou a fazer parte da realidade do sujeito que se inscreve nessa rede – o virtual tende a atualizar-se, mesmo não passando pela concretização efetiva ou formal (LÉVY, 2003).

Perfil 02 – Bloco discursivo 02

Quem sou eu:

Como dizia o poeta
Quem já passou por essa vida e não viveu
Pode ser mais, mas sabe menos do que eu
Porque a vida só se dá pra quem se deu
Pra quem amou, pra quem chorou, pra quem sofreu
Ah, quem nunca curtiu uma paixão nunca vai ter nada, não
Não há mal pior do que a descrença
Mesmo o amor que não compensa é melhor que a solidão
Abre os teus braços, meu irmão, deixa cair
Pra que somar se a gente pode dividir
Eu francamente já não quero nem saber
De quem não vai porque tem medo de sofrer
Ai de quem não rasga o coração, esse não vai ter perdão
Quem nunca curtiu uma paixão, nunca vai ter nada, não
(Vinícius de Moraes)

Nesse perfil, o(a) internauta está buscando seu “efeito de completude” nas palavras do famoso poeta Vinicius de Moraes. Ele(a) fala da importância de se arriscar a amar, pois só assim é que se pode buscar a verdadeira felicidade. Isso deixa pistas de que talvez esse(a) internauta esteja se arriscando e buscando pouco da vida. Talvez

queira “se ver” de outra forma, o que implica em se colocar na rede como esta pessoa que busca mais da vida, para dessa forma, se questionar a respeito disso.

Como se vê diante de suas representações, muitas vezes, é mais importante do que a opinião de seus interlocutores. O imaginário que ele cria sobre seu “eu” faz parte de um jogo imaginário de relações virtuais, isto é, ele imagina que outro esteja visitando seu perfil e esteja pensando de tal forma sobre o que vê. No entanto, o que ocorre é que seu próprio “eu” é que busca essas variadas formas de representação para se constituir. Como me vejo sendo assim? Eu me aceito desta forma? Como me posiciono a respeito das rupturas que quero promover em mim? As questões que lanço na rede são respondidas dentro do meu próprio eu? São as chamadas relações de alteridade, em que o outro é ele mesmo. O eu não se encontra como uma forma fechada em si, mas tem relação com um exterior que o determina. Trata-se de um sujeito descentrado, em que um mesmo sujeito é, efetivamente, outro.

Perfil 03 – Bloco discursivo 03

quem sou eu:

"Nunca deixe de ser você mesmo, não deixe os outros te convencerem de que você não é bom, você pode até procurar algo pra culpar quando as coisas apertam, como se fosse uma sombra. Entenda que o mundo não é feito de arco-íris, é um lugar ruim e duro. E não importa o quão forte você seja, ele vai te colocar de joelhos e vai te deixar lá. Ninguém vai bater mais forte do que a vida, mas não importa como ela bate, e sim o quanto você aguenta apanhar e continuar em frente, o quanto pode suportar e seguir tocando a vida. É assim que se ganha. Se você realmente tem valor, busque o que é digno de você, mas você tem que estar disposto a apanhar, e não apontar o dedo na cara de ninguém dizendo que não é o que deseja. Covardes fazem isso. Não seja assim, seja melhor que isso." Rocky Balboa.

Quando o sujeito enunciador do perfil 03 se dirige a supostos interlocutores, percebe-se que, na verdade, pode estar também se dirigindo a si mesmo. Esse é o processo de reversibilidade a que se

refere Orlandi (1988), quando afirma que, sem a reversibilidade, seja ela real, possível ou ilusória, a fala não se constitui. É pelo fato de o eu poder ocupar o lugar do outro/tu, e vice-versa, que o dizer se estabelece.

Ao dizer “não deixe de ser você mesmo”, “não se deixe convencer...”, “entenda que”, “não seja assim”, “seja melhor do que isso”, o sujeito enunciador tanto pode estar se referindo a outras pessoas como a seu outro eu. Nesse caso, ao dizer, ele se significa e significa o próprio mundo, e é nessa perspectiva que a teoria da AD considera a linguagem como prática, porque pratica sentidos e ação simbólica que intervém no real. Enfim, significa. O sentido, assim, é história e o sujeito se faz e se significa na historicidade em que está inscrito (ORLANDI, 2003).

As escolhas são determinadas pelas experiências de mundo, pelas relações com a língua e com a história que as pessoas têm, através da ideologia. O sujeito desse perfil está enunciando de um lugar social, em condições de produção específicas e movido pela ideologia da FD da qual faz parte. Sua visão de mundo e suas concepções de vida, o achar que “o mundo não é feito de arco-íris, é um lugar ruim e duro”, fazem parte de um grupo social ou de uma FD específicos. Na verdade, há aí uma busca, no interdiscurso, por palavras para expressar aquilo em que acredita, mesmo que não seja, necessariamente, seu modo de conduzir a vida. Dessa forma, se vê fazendo parte de uma FD que não é a sua e tem a oportunidade de experimentar um modo de ver as coisas que pode fazer parte de seu processo de constituição e mudar inclusive suas filiações ideológicas.

A partir dessas análises, o Orkut se apresenta como reflexo do mundo real, de forma que a comunidade virtual, muitas vezes, representa aquilo que se passa na comunidade real. Há, no caso dessas relações virtuais, consideradas modernas, um esforço do sujeito de significar algo, a partir do que vem do outro. Conforme as palavras de Lévy (2003), é trabalhando, escavando, recortando e incorporando

os textos em nós, que destruímos e contribuímos para construir o sentido que nos habita. É assim que o processo de alteridade na constituição do sujeito virtual é compreendido. O sujeito procura dar sentido a si próprio através de sentidos produzidos por aqueles com os quais convive, virtualmente ou não.

Diante disso, o processo de filiação do sujeito a novas FDs não está propriamente vinculado a mudanças radicais no seu modo de ver o mundo e de pensar as coisas que o cercam. De certo modo, ao buscar novas formas de pensar e de ver o mundo, o sujeito constitui-se refletindo sobre suas escolhas e, imaginariamente, acredita estar próximo de sua completude.

Considerações finais

Considerando, portanto, que o sujeito da era virtual que se constitui virtualmente, é fortemente fragmentado e invariavelmente disperso. Uma vez que suas relações são dessa ordem, pode-se pensar na constituição do sujeito virtual de forma diferenciada, pois, a partir do momento em que não depende apenas do outro para se constituir, o sujeito passa a viver vidas outras, dependendo dos espaços que frequenta. Nas relações virtuais, ele é um ou mais, e nas relações sociais fora desse meio, assume outra posição (RASIA e LORENCENA, 2009). É claro que ocorrem, nesse caso, relações de constituição em que o eu de um espaço contribui para a constituição do eu do outro espaço, numa relação de vai e vem que é própria da sua incompletude.

Diante disso, e em relação a este trabalho, corrobora-se que, de uma forma ou de outra, a completude do eu é buscada no outro que, ao mesmo tempo o representa, o reflete e lhe dá esse efeito de

completude, e que apesar de imaginário, é buscado incessantemente pelos sujeitos. Ao significar seu mundo, o sujeito significa a si próprio.

Abstract

This research reflects the meaning produced in some web surfers Orkut profiles, from notions based on Discourse Analysis (DA). We inferred, from these analysis, that the meanings produced by the many ways of representation in this space are of the imaginary order. In other words, the subject asks (objective) questions to another (imaginary) or to his/her *other me* through the web, in an attitude that reflects the web surfer's character of dispersion and incompleteness and that, when they are inserted into the virtual world, the subject lets himself pervade through characteristics of a (virtual) FD that, at the same time crosses and constitutes as subject.

Key Words: Discourse Analysis; Imaginary; Virtuality.

Referências

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed.34, 2003.

LORENCENA, Evanildes; RASIA, Gesualda dos Santos. **O virtual numa perspectiva discursiva**. Relatório final de bolsa de Iniciação Científica CNPQ. Unijuí, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli *et alii*. **Sujeito e texto**. Série Cadernos PUC, nº 31, São Paulo: EDUC, 1988.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: As formas do discurso**. 4ª ed. São Paulo: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do discurso. In: ORLANDI, Eni Puccinelli; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy Maria. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. Campinas, SP: Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Caterine. A propósito da análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PECHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.